

# A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE MERLEAU-PONTY A PARTIR DO CORPO E A EDUCAÇÃO (EM CIÊNCIAS)

Valdirene Aparecida Araujo dos Santos<sup>1</sup>  
Robson Simplicio de Sousa<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Fenomenologia da Percepção e da Corporeidade de Merleau-Ponty e suas influências na Educação (em Ciências). Iniciamos expondo a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, elaborada a partir de suas compreensões sobre a obra *Ideias II* de Husserl e sua influência da teoria *Gestalt*. Para Merleau-Ponty, a percepção do mundo só pode acontecer a partir do Corpo, por isso, sua fenomenologia é conhecida como Fenomenologia da Corporeidade. Nela Merleau-Ponty apresenta três tipos de Corpo: o corpo objeto, o Corpo sujeito e o Corpo próprio ou vivido, este último, é um Corpo que sente, percebe, vive e experiencia, por isso é primordial nas nossas relações com o mundo. Uma vez que é pelo Corpo que experienciamos o mundo, mostramos como ele se apresenta na Educação (em Ciências). Percebemos nela a necessidade da corporeidade em sala de aula para aproximar os fenômenos percebidos à existência dos alunos. Assim, defendemos que abordagem fenomenológica é um caminho educacional que possibilita a percepção do mundo-escola-vida a partir das nossas experiências corporais, da nossa interação com o outro e com o mundo em que vivemos.

**Palavras-chave:** fenomenologia; Merleau-Ponty; educação; educação em ciências.

## THE PHENOMENOLOGY OF MERLEAU-PONTY'S PERCEPTION FROM THE BODY AND (SCIENCE) EDUCATION

## ABSTRACT

This work aims to present Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception and Embodiment and its influences on (Science) Education. We begin by presenting Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception, based on his understanding of Husserl's *Ideas II* and the influence from *Gestalt* theory. For Merleau-Ponty, the perception of the world can only happen from the Body, which is why his phenomenology is known as Phenomenology of Corporeality. In this, Merleau-Ponty presents three types of Body: the object body, the subject Body and the lived Body, the latter is a Body that feels, perceives, lives and experiences, therefore, it is primordial in the our relations with the world. Since it is through the Body that we experience the world, we show how it presents itself in (Science) Education. We perceive in this, the need for corporeality in the classroom to bring the perceived phenomena closer to the students' existence. Thus, we argue that the phenomenological approach is an educational path that enables the perception of the life-school-world based on our bodily experiences, our interaction with each other and with the world in which we live.

**Keywords:** phenomenology; Merleau-Ponty; education; science education.

Submetido em: 22/4/2023

Aceito em: 8/5/2024

Publicado em: 4/6/2024

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR). Palotina/PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4241-8424>

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR). Palotina/PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4637-5014>

## INTRODUÇÃO

*“Não estaria no momento de levar o corpo inteiro em direção à escola?”  
(Moreira; Guimarães; Campos, 2020, p. 661).*

O filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) é um fenomenólogo que tem como intencionalidade a valorização das experiências corpóreas, defendendo que por intermédio do corpo é possível perceber e compreender o mundo como ele realmente se mostra. Em seu percurso filosófico, Merleau-Ponty é influenciado pela psicologia da *Gestalt*<sup>3</sup> e pela Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), que acabam inspirando-o para a elaboração da sua obra: *Fenomenologia da Percepção*. Este filósofo defende que é por meio do corpo que experienciamos e percebemos o mundo à nossa volta; experiências essas que, por muito tempo, foram “descartadas” nas elaborações de teorias. Na produção do conhecimento a Filosofia tem considerado a experiência perceptiva como uma auxiliar (Caminha, 2019). Merleau-Ponty, discordando dessa postura, defende que, para que seja possível perceber primeiramente precisamos realizar um “retorno aos fenômenos” e, por considerar a experiência fundamental na compreensão e percepção dos fenômenos da natureza, realiza críticas ao dualismo cartesiano e ao intelectualismo.

Para Merleau-Ponty, a percepção é oportunizada a partir das experiências corporais, e, como mostra-se em Caminha (2019), não é possível alcançar a essência da percepção sem considerarmos que somos corpos que percebemos, pois há uma reflexão do corpo sobre ele mesmo antes de a mente refletir sobre o corpo. Como, porém, se apresenta a fenomenologia da percepção e do corpo de Merleau-Ponty? De que modo elas têm sido articuladas à Educação e à Educação em Ciências? Na tentativa de responder a estes questionamentos, apresentamos um ensaio teórico que aborde a Fenomenologia da Percepção e da Corporeidade de Merleau-Ponty, articulando-a a autores que defendem essa perspectiva fenomenológica na Educação e na Educação em Ciências, buscando caminhos para a valorização das experiências corpóreas dos alunos. O ensaio teórico confunde as diferenças entre ciência, arte e filosofia e oportuniza liberdade temática e formal que incomoda o saber organizado (Larrosa, 2003). Assim, o ensaio é escrito pelo ensaísta, que lê e escreve a partir das leituras realizadas.

Para o ensaísta, a escrita e a leitura não são apenas a sua tarefa, o seu meio de trabalho, mas também o seu problema. O ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê (Larrosa, 2003, p. 108).

<sup>3</sup> É o movimento que rejeitou descrições “sensacionistas” da experiência perceptual por conceber a percepção como envolvendo algum tipo de átomos sensoriais ou sensações como os elementos fundamentais. A *Gestalt* enfatiza a prioridade das formas significativas inerentes à experiência perceptual (“Gestalt” = configuração). Os gestaltistas argumentam que a experiência perceptual está organizada em todos os significativos em que o todo é anterior às partes, logo mais que a sua soma (Cerbone, 2014).

Assim, no intuito de orientar nossa escrita em torno dessa temática, na próxima seção apresentaremos alguns dos caminhos trilhados por Merleau-Ponty até o desenvolvimento da Fenomenologia da Percepção. Mostraremos, também, como ele exhibe a sua Fenomenologia da Corporeidade, para expormos como essa se apresenta na Educação e na Educação em Ciências.

## A FENOMENOLOGIA DA PERCEÇÃO DE MERLEAU-PONTY

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) nasceu em Rochefort-sur-Mer, na França, e deparou-se com a filosofia na *École Normale Supérieure*, local onde também realizou seu Doutorado com a tese intitulada “*A estrutura do comportamento*” (Cerbone, 2014). Nesta obra, o autor:

[...] desenvolve uma crítica às concepções então predominantes sobre o reflexo condicionado como um fenômeno puramente fisiológico, e também foi altamente crítico das teorias behavioristas em psicologia. A orientação dessas críticas, no sentido de que essas visões quase mecânicas falham em explicar o sentido e a significância de movimentos e atividades incorporados (Cerbone, 2014, p. 145).

De acordo com as teorias do reflexo condicionado e as teorias behavioristas, a aprendizagem ocorre por meio da repetição; assim, qualquer “objeto” poderia ser percebido por meio de estímulos regulares. Merleau-Ponty discorda dessas teorias, pois, em sua compreensão, a aprendizagem advém dos movimentos incorporados, algo que a prática mecânica não consegue perceber e explicar. Merleau-Ponty é “um filósofo que faz de seus estudos uma interrogação permanente sobre o sentido primeiro de nossa condição de ser no mundo pelo corpo” (Caminha, 2019, p. 7) por meio do seu “projeto filosófico de reabilitação do sensível” (p. 7). Ele procura refletir sobre a maneira pela qual o mundo se apresenta para nós, dentro da qual se envolveu com a pesquisa empírica em curso nas ciências naturais, especialmente na psicologia, fisiologia e linguística, e foi influenciado pela psicologia da Gestalt, principalmente no que se refere à estrutura holística da experiência (Cerbone, 2014). A *Gestalt* é um movimento que se originou na Alemanha e:

[...] rejeitou descrições “sensacionistas” da experiência perceptual [...] em favor de uma teoria que enfatiza a prioridade das formas significativas inerentes à experiência perceptual (“Gestalt” = configuração). Ou seja, os gestaltistas argumentam que a experiência perceptual está organizada em todos significativos. Na experiência, o todo é anterior às partes e, portanto, é mais do que sua soma (Cerbone, 2014, p. 147).

Esse movimento defende que uma experiência não pode ser compreendida nem em partes tampouco na soma delas, e que a primeira experiência se envolve com as demais experiências para formar um horizonte de experiência perceptual, precisando o “objeto” ser compreendido em sua totalidade. Em sua obra *A estrutura do comportamento* (1942), Merleau-Ponty desenvolve descrições a respeito da percepção com base na teoria da *Gestalt* (Cerbone, 2014). Nesse ínterim, “a psicologia da forma não soube, no entender do filósofo, levar até às últimas consequências a remodelagem das categorias do mundo que ela própria parecia insinuar” (Cantista, 1985, p. 393). Em

busca de atribuir rigor às suas investigações, Merleau-Ponty encontra fundamentação na Fenomenologia.

Merleau-Ponty também realiza estudos minuciosos sobre a Fenomenologia de Husserl, e a influência deste fenomenólogo é evidenciada em *Fenomenologia da Percepção*. Já no prefácio, ao questionar o que é Fenomenologia, Merleau-Ponty apresenta as compreensões de Husserl como “o estudo das essências” (Merleau-Ponty, 2018, p. 1), a partir do qual podemos explicar a natureza da intencionalidade, da percepção, do corpo, e tudo o que está presente no meio em que estamos inseridos. Além disso, a Fenomenologia “é também uma filosofia que repõe as essências na existência” (Merleau-Ponty, 2018, p. 1), em que a única maneira de compreender o mundo é por meio da sua particularidade. Por isso, Husserl a considera como:

[...] uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vividos” (Merleau-Ponty, 2018, p. 1).

O método fenomenológico consiste na descrição dos fenômenos, não questiona, não palpita, apenas detalha como *realmente* são. “Essa primeira ordem que Husserl dava à fenomenologia iniciante de ser uma ‘psicologia descritiva’ ou de retornar ‘às coisas mesmas’ é antes de tudo a desaprovação da ciência” (Merleau-Ponty, 2018, p. 3), distinguindo-se das ciências naturais. “A fenomenologia não só é distinta das ciências naturais como tem um tipo de prioridade com respeito a elas, uma vez que o que busca descrever é nossa experiência perceptual, corporificada, do mundo que torna possíveis as ciências naturais” (Cerbone, 2014, p. 160). É por esse motivo que Merleau-Ponty nos convida a retornar aos fenômenos, em busca de (re)despertar em nós um sentido da fenomenologia e seu significado (Cerbone, 2014). Quando nos colocamos em suspenso, para prestarmos atenção na maneira como esses fenômenos se apresentam, a percepção da natureza torna-se possível. Assim, a abordagem fenomenológica não está preocupada e nem se atreve a fazer julgamentos, pois está centrada na descrição da nossa experiência perceptual.

Na verdade, a ideia de retornar, de ter nossa atenção trazida de volta a algo agora negligenciado, é inerente à própria ideia de fenomenologia e serve como seu impulso fundador, especialmente se considerarmos o procedimento primário de Husserl: a redução fenomenológica (Cerbone, 2014, p. 159).

O retorno aos fenômenos é apresentado por Merleau-Ponty (2018) como:

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho (p. 4).

O retorno aos fenômenos exige que o indivíduo faça uma descrição “pura” da natureza que ele observa, ou seja, exatamente como ela é, sem que haja uma reflexão

ou explicação científica do fenômeno observado. “A ideia de ‘retornar’ aos fenômenos, de ‘redespertar’ nossa sensibilidade para eles, permeia o trabalho como um todo” (Cerbone, 2014, p. 158, grifos nossos). Com o retorno aos fenômenos, Merleau-Ponty espera despertar em nós o sentido e o significado da natureza da fenomenologia, possibilitando caminhos para perceber e valorizar as experiências que um indivíduo tem do mundo em que está inserido.

Mesmo sendo influenciado pela *Gestalt* e pela Fenomenologia de Husserl, Merleau-Ponty aprofundou suas pesquisas elaborando sua própria fenomenologia, uma vez que, para o autor, à “fenomenologia entendida como descrição direta, deve acrescentar-se uma *fenomenologia da fenomenologia*” (2018, p. 489, grifos nossos). Além disso, Merleau-Ponty considera que “o sujeito da percepção é o corpo e não uma consciência transcendental ou desencarnada” (Caminha, 2019, p. 11). Discordando de algumas compreensões de Husserl, Merleau-Ponty parte das ideias do fenomenólogo para desenvolver sua própria fenomenologia. Para Cantista (1985), a primeira tarefa da Fenomenologia merleau-pontyana parte da redução eidética para “fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos” (Merleau-Ponty, 2018, p. 13), em busca da consciência como projeto do mundo. Além disso, Cantista expõe que a experiência originária ou perceptiva ocorre na intencionalidade operante.

Husserl distingue entre a intencionalidade de ato, que é aquela de nossos juízos e de nossas tomadas de posição voluntárias, a única da qual a Crítica da Razão Pura falou, e a intencionalidade operante (*fungierende Intentionalität*), aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo, e fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata (Merleau-Ponty, 2018, p. 16).

Ao ampliar a noção de intencionalidade, Husserl permite que a Fenomenologia possa se tornar uma “fenomenologia da gênese” (*ibid* .). Para Cantista (1985), os conceitos de intencionalidade operante e de mundo-vida presidem na elaboração da fenomenologia da percepção. A intencionalidade operante é característica fundamental do Corpo-próprio e o mundo-vida orienta a descrição ao mundo perceptivo. Assim, a percepção nasce entre a conexão da essência e a existência.

A fenomenologia da fenomenologia pretende assim apreender o *ser* da intencionalidade operante, não identificável com o ser-objecto; trata-se de um logos mais fundamental que o do pensamento objetivo, que confere a este o seu direito relativo, e o põe no seu devido lugar (Cantista, 1985, p. 398).

Além disso, para a autora, implica na introdução ou enraizamento de uma filosofia do mundo como oposição em representação às Ciências da Natureza. Desta forma, “este enraizamento do sentido do fenômeno, esta vertente existencial da fenomenologia não é, no entender de Merleau-Ponty, uma traição a Husserl; é afinal o “impensado” do Mestre; é o pensamento do *Lebenswelt* levado até às últimas consequência” (*ibid* .). Para Cerbone (2014),

Na verdade, a ideia de retornar, de ter nossa atenção trazida de volta a algo agora negligenciado, é inerente à própria ideia de fenomenologia e serve como seu impulso fundador, especialmente se considerarmos o procedimento primário de Husserl: a redução fenomenológica<sup>4</sup> (p. 159).

Merleau-Ponty (2018), como Husserl, também defende uma redução fenomenológica ao expor que “o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa” (p. 10), mas, diferente de Husserl, jamais renuncia a uma segunda redução. “Para Merleau-Ponty, a descoberta do nível da pré-constituição tem que afetar os poderes constituintes do ego transcendental” (Cantista, 1985, p. 399), o que, segundo Cantista (1985), Husserl não viu claramente.

Já nas *Idem II* parece claro que a reflexão não nos instala num meio fechado e transparente, não nos faz passar, pelo menos imediatamente, do “objetivo” para o “subjetivo”, tendo antes por função desvelar uma terceira dimensão em que essa distinção torna-se problemática. Há realmente um Eu que se faz “indiferente”, puro “conhecedor”, para apreender por inteiro, expor à sua frente, “objetivar” todas as coisas e adquirir-lhes a posse intelectual – uma “atitude teórica” pura, que visa “tornar visíveis as relações que podem propiciar o saber do ser em estado nascente”. Mas, precisamente, esse Eu não é o filósofo, essa atitude não é a filosofia: é a ciência da Natureza – mais profundamente, uma certa filosofia da qual nasceram as ciências da Natureza, que trazia de volta ao Eu puro e ao seu correlativo as “coisas simplesmente coisas” (*blosze Sachen*), despojadas de todo predicado prático e de todo predicado de valor. Já nas *Idem II* a reflexão husserliana esquiva-se desse diálogo entre o sujeito puro e as puras coisas. Ela procura *aquém* o fundamental. Não basta dizer que o pensamento de Husserl segue outro rumo: ele não ignora a pura correlação entre o sujeito e o objeto, supera-a deliberadamente, porquanto a apresenta como relativamente fundada, verdadeira de modo derivado, como um resultado constitutivo que ele se empenha em justificar no devido lugar e hora (Merleau-Ponty, 1991, p. 179).

A Fenomenologia merleau-pontyana está na “experiência primordial de nós mesmos e do mundo, fonte de toda a significação e de toda a linguagem, que a fenomenologia quer descrever” (Cantista, 1985, p. 400) nas nossas relações com o mundo. “É a experiência [...] ainda muda que se trata de levar à expressão pura de seu próprio sentido” (Merleau-Ponty, 1991, p. 12), ocorrendo a percepção por meio das experiências corporais, tornando uno o corpo e a mente.

Diferente de Merleau-Ponty, René Descartes (1596-1650), “[...] concebe a mente e o corpo como duas substâncias distintas, mutuamente exclusivas, cada qual podendo existir independentemente uma da outra” (Cerbone, 2014, p. 149), limitando a compreensão da natureza somente na relação sujeito-objeto. Ao considerar a experiência e a natureza opostas uma da outra, Descartes limita o conhecimento apenas à cognição. De acordo com Merleau-Ponty, “[...] o dualismo mente-corpo e suas dificuldades derivam de uma abordagem em que o corpo do sujeito que experiencia é visto pelo sujeito de uma perspectiva de terceira pessoa, ou seja, como o objeto entre

<sup>4</sup> É a tentativa de apreender os entes em seu ser, retornando à automanifestação do fenômeno ou às “coisas em si” (Schalow; Denker, 2010).

outros objetos” (*apud* Hoffman, 2012, p. 235). Merleau-Ponty discorda de Descartes, defendendo, então, a valorização das experiências corpóreas para que o sujeito possa perceber o mundo da maneira que ele realmente se mostra.

Merleau-Ponty também faz observações em relação ao empirismo. O empirismo é uma corrente filosófica que defende a experiência prática para a compreensão do conhecimento, mas, para Merleau-Ponty, essa corrente filosófica também apresenta algumas limitações. Para o empirista, na percepção não há o que Husserl define por “o retorno aos fenômenos”. Um exemplo: “Eu vejo, por exemplo, minha xícara de café vermelha e branca, não sensações de vermelho e branco, e vejo a xícara sobre minha mesa, de modo que a superfície da mesa e várias outras coisas sobre a mesa servem como o pano de fundo” (Cerbone, 2014, p. 164). Este exemplo pode ser explicado quando Merleau-Ponty aponta que: “O ‘algo’ perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um ‘campo’. Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não pode ser dada a *nenhuma percepção*” (Merleau-Ponty, 2018, p. 24). A percepção de algo está acompanhada de outras informações e, para perceber, temos de nos “colocar em suspenso”, olhar atentamente, observar e descrever os detalhes. “As características da percepção infundem e influenciam umas às outras, e, assim, não podem ser tratadas como elementos autônomos, estando uma pela outra somente em relações externas” (Cerbone, 2014, p. 169). Ao observar um objeto é preciso considerar o lugar em que ele se encontra; ele nunca está sozinho; há sempre uma figura de fundo a qual os empiristas ignoram. Deste modo, para o empirista, a experiência da percepção seria passiva e determinada. Merleau-Ponty faz uma crítica ao modo empirista de conceber a experiência, ao defender que “precisamos reconhecer o indeterminado como um fenômeno positivo” (Merleau-Ponty, 2018, p. 27), pois o indeterminado é algo essencial para nossa experiência perceptual. Para complementar, Cerbone (2014), afirma que:

O empirismo parece negligenciar inteiramente o fato de que a experiência perceptual é vivida por alguém que percebe. A experiência perceptual não é meramente o registro passivo dos estímulos, uma reprodução fiel do ambiente circundante, mas uma atividade, como é indicado, por exemplo, pelos vários termos ativos que usamos em conexão com a percepção. Mesmo que restrinjamos nossa atenção à experiência visual, descobriremos, por exemplo, noções ativas tais como olhar, observar, examinar, procurar, notar, encontrar, atentar, investigar, focar, relancear, espiar, espreitar, encarar e olhar de esguelha (p. 173).

As experiências perceptivas estão conectadas a diversos sentidos corporais que se complementam, possibilitando a percepção do sujeito que as experienciam. Merleau-Ponty também faz observações ao intelectualismo, que defende a “primazia do juízo”, tornando a experiência perceptual mais imóvel e estática. Assim, o intelectualismo reage exageradamente ao modelo sem vida e mecânico ofertado pelo empirista (Cerbone, 2014). “O juízo é frequentemente introduzido como *aquilo que falta à sensação para tornar possível uma percepção*. A sensação não é mais suposta como elemento real da consciência” (Merleau-Ponty, 2018, p. 60). Ele aponta, com isso, que se o intelectualista quiser analisar a percepção ele volta à sensação, e que o intelectualismo acabou complementando a concepção empirista de percepção.

Cerbone (2014, p. 177) expõe: “ao somente complementar a concepção empirista da percepção, em vez de abandoná-la completamente, o intelectualismo herda, portanto, os mesmos problemas e deficiências inerentes à concepção que ele busca suplantar” (p. 177).

Merleau-Ponty considera a percepção o meio para percebermos o sensível. De acordo com Caminha (2019, p. 7-8), “a percepção, que nos dá acesso ao mundo em sua presença sensível, é desvalorizada em detrimento do mundo claro e evidente, que nos é revelado pelo uso da racionalidade”. Mesmo com tantas correntes filosóficas que contrapunham as ideias de Merleau-Ponty, ele continuou a buscar fundamentos que comprovassem suas percepções sobre as experiências perceptivas a partir do corpo. “Contudo, Merleau-Ponty não se curvou servilmente às descobertas empíricas da época” (Cerbone, 2014, p. 147). O autor buscava refletir sobre as contribuições do corpo em relação à natureza, por isso dedicou seus estudos à percepção desses fenômenos corporificados.

## A FENOMENOLOGIA DA CORPOREIDADE

Além da influência do movimento *Gestalt*, Merleau-Ponty também foi influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), ao entrar em contato com sua obra *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Buch II: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution* (Ideias II), que se encontrava na Universidade de Louvain, na Bélgica, quando ainda não havia sido publicada (Caminha, 2019). Nesta obra, Husserl faz detalhadas descrições sobre o Corpo que são apresentadas por Cerbone (2014). Nela é possível perceber algumas ideias principais de sua fenomenologia que prepara o caminho para Merleau-Ponty descrever sua fenomenologia da corporeidade.

A descrição de Husserl sobre o corpo em Ideias II é orientada em torno de duas afirmações principais: (a) O corpo é algo que aparece na experiência como um tipo de coisa categoricamente distinto. (b) O corpo e a autoexperiência corporal desempenham um papel essencial com respeito à possibilidade de formas diferentes de intencionalidade, ou seja, à possibilidade da experiência que é de ou sobre objetos diferentes do próprio corpo. [...]. A afirmação de que o corpo desempenha um papel essencial com respeito às diferentes formas de intencionalidade deveria ser entendida como uma afirmação constitucional: a constituição na experiência de vários tipos de objetos envolve o corpo. [...] “envolve” deveria também ser entendido fenomenologicamente. A fim de ter experiências que sejam de ou sobre vários tipos de objetos, eu devo me experienciar como corporificado, como tendo um corpo (Cerbone, 2014, p. 150-151).

Para Husserl, a experiência de qualquer tipo de objeto envolve o corpo em suas ações. Uma experiência que “envolve” o corpo, no entanto, também é uma experiência fenomenológica e corporificada. Husserl ainda afirma que o corpo é o primeiro lugar de toda nossa percepção. Esses objetos são materiais e espaçotemporais, por isso, para termos experiências devemos nos experienciar como corporificados, afirmando que o Corpo é o meio de toda percepção. Outra afirmação de

Husserl é que o Corpo<sup>5</sup> é, em primeiro lugar, o meio de toda nossa percepção. Quando Husserl escreve a palavra Corpo ele usa o “C” maiúsculo para indicar a tradução da palavra alemã *Leib* (Cerbone, 2014), e seu significado é apresentado a seguir:

*Leib* especifica o corpo vivo e, no contexto fenomenológico, o corpo experienciado ou o corpo-como-vivido. Como observado (...), um dos principais pontos de Husserl (e que prossegue em Merleau-Ponty) é que o corpo não é experienciado como apenas mais um objeto material dentre outros, mas sim que é manifesto de uma maneira categoricamente distinta (Cerbone, 2014, p. 151-152).

Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty utiliza-se de uma metáfora e define o corpo como “[...] o veículo do ser no mundo<sup>6</sup>, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (Merleau-Ponty, 2018, p. 122). O Corpo é, assim, privilegiado, porque, além de ser o veículo do ser no mundo, é sensível a ele. É onde acontece todas as percepções e o responsável por possibilitar compreensões.

Compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação – e o corpo é nosso ancoradouro em um mundo. Quando levo a mão ao meu joelho, a cada momento do movimento experimento a realização de uma intenção que não visava meu joelho enquanto ideia ou mesmo enquanto objeto, mas enquanto parte presente e real de meu corpo vivo, quer dizer, finalmente, enquanto ponto de passagem de meu movimento perpétuo em direção a um mundo (Merleau-Ponty, 2018, p. 200).

Por acreditar que o Corpo é o fundamento para a experiência perceptiva, Merleau-Ponty realiza um apelo ao Corpo com fundamento. “O apelo de Merleau-Ponty ao corpo como o ‘fundamento’ para a aparição de outros objetos ecoa a afirmação de Husserl de que o corpo serve como o ‘ponto-zero de orientação’, e, assim, permite a possibilidade de ter, de algum modo, uma perspectiva sobre o mundo” (Cerbone, 2014, p. 157). Assim, Corpo é o lugar onde toda a percepção acontece, por isso Merleau-Ponty o considera fundamental. Como afirma Merleau-Ponty, entretanto, “nosso corpo não tem o poder de fazer-nos ver aquilo que não existe; ele pode apenas fazer-nos crer que nós o vemos” (Merleau-Ponty, 2018, p. 55). Assim, considerado um fenomenólogo existencial, ou seja, que está preocupado com a existência, em sua obra *Fenomenologia da percepção* (2018) Merleau-Ponty apresenta sua própria fenomenologia em que o

<sup>5</sup> O uso do “C” maiúsculo indica a palavra alemã *Leib*, que significa o corpo vivo, enquanto “corpo” com “c” minúsculo associamos a *Körper*, relacionado com a palavra inglesa “corpse”, que significa o corpo entendido em termos materiais, como um objeto físico de um tipo particular (Cerbone, 2014). Neste texto, quando utilizamos a palavra “Corpo”, referimo-nos ao Corpo como experienciado e vivido.

<sup>6</sup> A ideia de corpo como veículo do ser no mundo é uma metáfora. Andrade (2019, p. 36) coloca que corpo como ser no mundo, para Merleau-Ponty, significa “a um ser vivo, estar num meio, empenhar-se em projetos e engajar-se neles. O existente está aqui, portanto, em situação, acompanhado de uma intencionalidade que é interior ao ser, sendo tal ‘ser’, agora, também uma espécie de ‘consciência’”. Por isso, é impossível tratar o ser no mundo somente a partir do corpo objeto, uma vez que este é ou está no mundo inevitavelmente. Esse corpo é um corpo que caminha livremente no espaço e está voltado para o mundo sendo animado pela intencionalidade com a qual no mundo age (Azevedo; Caminha, 2015). Assim, Andrade (2019) apresenta que a metáfora de “o veículo do ser no mundo”, de Merleau-Ponty, é a própria existência, ou seja, uma presença de si a si.

Corpo<sup>7</sup> é o objeto fundamental, o que nos possibilita chamar de uma *Fenomenologia da Corporeidade*.

A corporeidade é apresentada por Machado (2010) como a junção de três existenciais<sup>8</sup>: o mundo circundante (*Unwelt*, chamado de “ambiente” ou mundo biológico), o mundo das inter-relações (*Mitwelt*, o mundo dos nossos semelhantes) e o mundo próprio (*Eigenwelt*, o mundo das relações pessoais consigo próprio). A essência da fenomenologia da corporeidade apresenta-se na importância de se compreender o Corpo como próprio ou vivido, posto que Merleau-Ponty defende a percepção do sujeito em sua totalidade, com todas as particularidades, emoções e o meio social em que se mantém inserido. Como apresenta Machado (2010),

O germe do pensamento merleau-pontiano está em filosofar sobre o corpo, com o corpo, no corpo; trabalhar com a importante noção da tradição da Fenomenologia de Husserl, a consciência intencional; pensar os enigmas da percepção e escrever sobre eles; construir um projeto filosófico pessoal a partir da importância da linguagem e da sua significatividade (p. 15).

Se a centralidade da filosofia de Merleau-Ponty se dá no corpo, o caráter corporal é o possibilitador de experiências que apontam caminhos para percebermos os fenômenos como os vivemos e/ou os sentimos. Uma abordagem fenomenológica está em olhar aberta e atentamente para o modo com que o nosso próprio corpo experiencia o mundo. Podemos utilizar como exemplo uma criança que está em contato com uma bola de futebol. A maneira que a bola se apresenta para ela, seu formato, sua cor, seus desenhos, texturas, sua massa, tamanho e seu corpo, se faz presente em cada momento perceptivo. Quando você a pega com a mão ou a chuta, a força que você exerce sobre ela, a direção que ela toma, etc., são experiências que vivenciamos a partir do Corpo. Assim, como se mostra em Caminha (2019, p. 10), “o corpo participa da totalidade do acontecimento de instauração da percepção, transformando a realidade física em realidade vivida e assumida”. O Corpo se faz presente em cada experiência vivida, em que cada ato é percebido por meio dele. Por isso, “Nosso corpo é o lugar onde se entrelaça uma multidão de movimentos que constituem um sistema de comunicação com o mundo” (Caminha, 2019, p. 9). Em busca de recuperar as percepções do indivíduo em relação ao mundo, Merleau-Ponty usa o Corpo como ponto inicial. O Corpo como partida, sem nenhuma ideia preconcebida de estar no mundo, busca recuperar a percepção como contato originário ao mundo do corpo (Caminha, 2019).

A busca de Merleau-Ponty está em sua discordância às teorias intelectualistas, que não consideram as experiências corporais como essenciais para a aprendizagem. Como aponta Caminha (2019, p. 9), para a tradição intelectualista “o corpo é somente um ser material que não pode levar em conta nada porque é sempre a consciência que, em última análise, realiza a experiência de perceber”. Para a teoria intelectualista, o

<sup>7</sup> Merleau-Ponty caracteriza o Corpo em *Fenomenologia da Percepção* como “corpo objetivo”, no sentido de “coisa”, “corpo fenomenal” ou “corpo próprio”, que, concomitante, é um “eu” e um “meu” que aparece para si próprio e para o mundo” (Dupond, 2010). O Corpo também é o lugar de toda existência.

<sup>8</sup> O termo *Existencial* foi estabelecido por Heidegger em determinação da constituição da existência dos indivíduos. Compreende-se que cada indivíduo dispõe de sua própria existência ao decidir ou escolher as possibilidades que o constituem, por isso, é ontológica (Abbagnano, 2007).

Corpo não percebe nada sem a mente, sendo as compreensões realizadas exclusivamente na cognição. Merleau-Ponty, entretanto, não compactua dessa perspectiva, pois considera o Corpo existencial e fundamental para a percepção. Como aponta Caminha (2019, p. 10), “percebemos algo porque dispomos de uma série de condutas do corpo que se mobiliza em direção ao mundo como um sistema de potências perceptivas”. Desta forma,

O corpo (ou Corpo) não somente desempenha um papel essencial com respeito à constituição de outras categorias de objetos, mas é ele próprio constituído na experiência como um tipo de entidade categoricamente distinto. Essa ideia já está implícita no papel desempenhado pelo corpo na constituição da experiência de outras coisas, por exemplo, no fato do corpo ser manifesto como o ponto-zero de orientação e como o local de motivações cinestésicas em condicionais motivadores/motivados. Mas mesmo essas caracterizações do corpo não são suficientes para capturar completamente seu lugar distintivo na experiência (Cerbone, 2014, p. 154-155).

O Corpo é a via que possibilita um indivíduo experienciar e perceber sensações e, assim, poder compreendê-las. Experimentar sensações é um caminho para compreender o Corpo como vivido. O corpo vivido é apresentado por Cerbone (2014, p. 156) como “um ‘campo localizado de sensações’, não meramente um conduto causal de sensações, mas o lugar em e sobre o qual essas sensações ocorrem”. Para Husserl, o Corpo está localizado no “ponto zero de orientação”; esse ponto é o que determina o local da percepção. “Se não tivéssemos localização alguma no espaço que percebemos, então, as coisas não apareceriam com orientação perspectiva alguma” (Cerbone, 2014, p.153). Desta maneira, o Corpo é o lugar de toda a nossa percepção.

O corpo se revela e revela ao seu redor, num único gesto, uma experiência instantânea e plena. Ele se comunica com o mundo como um horizonte de possíveis, uma abertura a um domínio latente onde a experiência é possível. Ele é presença constante, antes e independentemente de qualquer pensamento consciente ou determinado (Quintiliano, 2014, p. 369).

A falta de estímulos perceptivos faz com que os nossos sentidos, que também se realizam no Corpo, acabem passando despercebidos. Muitas vezes deixamos de perceber pelo simples fato de que “cada vez mais o corpo é menos exigido a produzir sentidos que nos situam na coexistência” (Richter; Murillo, 2020, p. 8). Ao pararmos de nos atentar aos nossos sentidos, deixamos de perceber a natureza que se mostra por meio das nossas sensações corpóreas. Além disso, às vezes esquecemos que o nosso corpo “sempre pode se colocar em repouso ou em movimento, ele é esta capacidade de determinar a percepção se determinando ao mesmo tempo, um *eu posso* e não somente um *eu sou*” (Quintiliano, 2014, p. 370). As percepções de Quintiliano (2014) podem ser percebidas também em Merleau-Ponty (2018), quando o autor apresenta que “é por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’” (p. 253). O Corpo “fala-nos” por meio de gestos e sensações, e a experiência perceptiva nos coloca em contato com o sensível e promove uma abertura para a compreensão do mundo. Isso porque, “Para Merleau-Ponty e a tradição fenomenológica, nossa corporalidade revela nossos modos de ser e estar no mundo, aspectos

de uma totalidade ou da culturalidade dos viventes” (Machado, 2016, p. 463). Assim, a percepção corporal se dá por meio da relação corporal do indivíduo com o mundo e a cultura em que ele se mantém imerso. Percebemos algo à medida que experienciamos e cada experiência permite-nos novas percepções e atribuição de novos significados.

Para Merleau-Ponty, o corpo se orienta a partir das coisas, enquanto *alguma coisa*, um sistema de contrastes e linhas de força que agem como centros temporários para as apreensões. Quando o corpo, não mais como silencioso, mas como falante, se centra numa delas, ele faz aparecer o *Etwas* (algo) que se cristaliza, atingida certa distância, como ideia. Isso é possível porque o corpo usa suas partes como uma simbólica do mundo. Enquanto ele frequenta o mundo, ele incorpora, retém, estabiliza o que ele apalpa e fornece o material necessário à imaginação para operar as variações, translações, modificações, transposições e sublimações das coisas em objetos, em significações, em palavras (Quintiliano, 2014, p. 372).

Consequentemente, as expressões corporais não apenas representam o que vemos, mas a maneira como nosso corpo experiencia, vive e percebe o mundo, e, por isso, “O mundo me toca, eu sou tocado por ele; ação dupla, reversível, igualmente válida nos dois sentidos” (Zumthor, 2007, p. 77). Desta forma, o Corpo torna-se tanto possibilitador quanto receptor de percepções, aguçando a sensibilidade corporal, uma vez que “é pelo corpo que o sentido é aí percebido. O mundo tal como existe fora de mim não é em si mesmo intocável, ele é sempre, de maneira primordial, da ordem do sensível: do visível, do audível, do tangível” (Zumthor, 2007, p. 78), despertando nos indivíduos tanto a sensação de estranheza quanto de familiaridade. A sensibilidade corpórea possibilita-nos perceber os fenômenos à medida que nos permitimos abrir-nos para o mundo.

### Do Corpo Objeto ao Corpo Sujeito

Ao realizar a separação do Corpo e da consciência, a modernidade acabou por contribuir com a relação dualística entre o sujeito e o objeto, no sentido de que o sujeito domina o objeto. Assim, “o corpo ganha um caráter meramente de objeto em que é visto como uma massa concreta repleta de partes que podem ser separadas, analisadas e compreendidas como objetos no mundo” (Souza; Souza, 2017a, p. 124). Essa separação institui à mente a responsabilidade pela percepção das sensações percebidas pelo corpo. Para Souza e Souza (2017b, p. 124), “é perceptível que com a separação entre a consciência e o corpo quem ganha o poder de domínio é a razão, tendo em vista que o corpo é apenas um mero objeto em que transmite informações à razão pelos sentidos”. Seria, porém, este mesmo o sentido do Corpo no mundo?

Merleau-Ponty faz uma distinção entre “consciência e corpo”, mostrando que não compactua com esses ideais, afinal o Corpo está ali no mundo, ele o sente, experimenta-o e o percebe. A razão pela qual um corpo objeto não pode ser considerado como um objeto de denominação está no fato de que ele está ou é no mundo; assim, ele livremente se movimenta no espaço, podendo ser animado por ações intencionais (Azevedo; Caminha, 2015). O Corpo é o modo pelo qual estamos no mundo, e mesmo um corpo objeto está ligado ao Corpo sujeito, um Corpo que nos permite, a partir de atos intencionais, a possibilidade de adquirirmos uma corporeidade. Mesmo, no entanto, existindo uma diferença entre Corpo sujeito e corpo objeto, eles não podem

ser separados. Azevedo e Caminha (2015, p. 17) expõem que, apesar de serem distintos, “não podemos tratá-los em separado quando queremos examinar a existência humana no mundo, considerando a vida subjetiva que advém do próprio corpo que se dirige intencionalmente para as coisas”. Da impossibilidade dessa separação resulta que o corpo objeto está ali inserido no mundo, enraizado e estimulado por ações do meio em que se mantém inserido, tornando-se um Corpo próprio. Por isso,

o corpo é um objeto por ser ele no espaço como assim o é uma cadeira, uma mesa e qualquer ser que seja corpóreo, porém, o corpo próprio ele se experiencia e experiencia a realidade que o circunda. O corpo próprio pode ele não ser sujeito (no sentido de se sujeitar, está disposto a alguma coisa ou ação) unicamente às leis da física mas, outrossim, às suas vontades e intenções, neste ponto distinguindo-se dos demais objetos corpóreos (Souza; Souza, 2017a, p. 125-126).

Mesmo concebido como algo que está no espaço, o corpo objeto, se submetido a uma intencionalidade, anima-se para se tornar um Corpo sujeito, no sentido de que ele está no mundo e não se sujeita ao que foi submetido. Para Souza e Souza (2017a, p. 127), o Corpo não é um “mero objeto, mas é um corpo/sujeito, há um total imbricamento entre corpo e a consciência tornando o sujeito algo uno: corpo e mente”. Desta forma, eles não podem ser vistos como separados, pois o Corpo não é um objeto de dominação. O pensamento e a percepção ocorrem concomitantemente, uma vez que é do Corpo a capacidade de experienciar o mundo. Merleau-Ponty (2014) concorda que o Corpo e a mente são unificados, ao expor que

O mundo é o que percebo, mas sua proximidade absoluta, desde que examinada e expressa, transforma-se também, inexplicavelmente, em distância irremediável. O homem “natural” segura as duas pontas da corrente, pensa *ao mesmo tempo* que sua percepção penetra nas coisas e que se faz aquém de seu corpo (p. 22).

O Corpo e a mente estão intimamente ligados e, à medida que o Corpo se move para experienciar e perceber o mundo, nos permite uma abertura para vivenciar novas experiências. Por isso que “Merleau-Ponty compreende que o corpo é o sujeito da experiência perceptiva porque ele parte do princípio de que ele realiza atos intencionais” (Caminha, 2013, p. 116). Não há outro jeito de realizar experiências que não seja pelo Corpo, por isso ele não é apenas um objeto a ser dominado.

Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe (Merleau-Ponty, 2018, p. 317).

Nosso Corpo permite-nos desenvolver uma sensibilidade estética que é provocada por meio de sensações, possibilitando-nos sentir, experienciar, vivenciar, existir e perceber o mundo, uma vez que o Corpo é o veículo do ser no mundo que torna possível todas as nossas percepções. Na próxima seção apresentaremos o Corpo próprio ou vivido explicado por Merleau-Ponty, que se dá na relação entre o Corpo sujeito e o corpo objeto.

## O Corpo Próprio ou o Corpo Vivido

O Corpo próprio ou vivido é concebido por meio da conexão entre o corpo objeto e o corpo sujeito, e está relacionado à “amplitude do *eu posso*. Este, por sua vez, é a junção das duas dimensões – objetiva e subjetiva – que o ser no mundo traz em sua vivência originária e habitual” (Azevedo; Caminha, 2015, p. 21). Por isso, o Corpo próprio ou vivido caminha ao encontro das teorias corpóreas, buscando compreender sua existência a partir das nossas experiências ontológicas, trazendo consigo a sua noção de espacialidade. Assim, se “uma sensação corpórea distorcida, promovida por um distúrbio qualquer, afeta a forma de sentir a espacialidade de si mesmo, a síntese corporal não se desvincula da efetivação da existência no espaço (Azevedo; Caminha, 2015, p. 28). Por dispor de sua própria noção de espacialidade, o Corpo torna-se capaz de realizar percepções. Se, todavia, o corpo é tão importante para percebermos o mundo por meio das nossas experiências, porque muitas teorias o deixam em segundo plano, objetificando-o em relação à mente? Por discordar dessa objetificação do Corpo é que Merleau-Ponty buscou nos mostrar a importância do caráter corporal. Em *Fenomenologia da Percepção* o autor apresenta-nos a noção do Corpo próprio, além de fazer uma crítica à teoria intelectualista que deixa o caráter corporal em segundo plano.

Constatamos pela primeira vez, a propósito do corpo próprio, aquilo que é verdadeiro de todas as coisas percebidas: que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos. A tradição cartesiana e kantiana já nos ensinava isso; ela faz das determinações espaciais a essência do objeto, ela mostra na existência partes extrapartes, na dispersão espacial o único sentido possível da existência em si. Mas ela esclarece a percepção do objeto pela percepção do espaço, quando a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência. O intelectualismo vê muito bem que o “motivo da coisa” e o “motivo do espaço” se entrelaçam, mas ele reduz o primeiro ao segundo. A experiência revela sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo (Merleau-Ponty, 2018, p. 205).

É pelo corpo que percebemos o mundo ao nosso redor e experienciamos por meio dos nossos sentidos corporais. Percebemos algo porque dispomos de um Corpo, e ser Corpo, como apresentado por Merleau-Ponty (2018, p. 205), é “estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço”. O Corpo sente, percebe, experiência e vive, sem ele não seria possível termos sensações que nos permitem experimentar o mundo por meio das nossas relações corpóreas.

Para Merleau-Ponty (2004, p. 21) “existem até qualidades, bastante numerosas em nossa experiência, que não têm quase nenhum sentido se as separarmos das reações que provocam em nosso corpo”. Até mesmo as sensações corporais percebidas pelo nosso Corpo próprio estão enraizadas na experiência, mas precisamos estar atentos ao nosso Corpo para notá-las. Afinal, “o mundo é isso que é, as coisas são o que aparecem ao homem, porém, ele tem a capacidade de experienciar e de ver sempre de uma perspectiva nova” (Souza; Souza, 2017b, p. 130). Percebemos algo diferente quando nos permitimos vivenciar novas experiências que só podem ser sentidas e percebidas pelo nosso Corpo; é uma experiência primária, antes da cognição.

Muitas vezes as sensações são deixadas em segundo plano; por isso Merleau-Ponty convida-nos a nos atentarmos à importância de (re)aprender a ver o mundo. O autor apresenta que “é verdade que o mundo é *o que vemos* e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo” (2014, p. 18). Estamos inseridos no mundo de maneira tão distraída que, às vezes, não atentamos às coisas simples que são sentidas pelo Corpo. É por isso que “O corpo está no mundo da mesma forma que as demais coisas, porém ele percebe o mundo. Aqui está o grande diferencial do corpo, este percebe a realidade e percebe também a si mesmo” (Souza; Souza, 2017a, p. 125-126).

## O CORPO MERLEAU-PONTYANO NA EDUCAÇÃO (EM CIÊNCIAS)

Moreira, Guimarães e Campos (2020) afirmam que muito do que se apresenta sobre uma Educação formal se relaciona ao dualismo corpo/mente. Este dilema também é apontado na Educação em Ciências por Santos e Sousa (2022), em que tanto a Educação quanto a Educação em Ciências estão centradas, especialmente, na cognição. Do ponto de vista fenomenológico, essas teorias priorizam as aprendizagens em relação aos conceitos abstratos, e colocam as experiências corpóreas em segundo plano ou em plano nenhum. Assim, apresentamos o Corpo merleau-pontyano como um caminho para a valorização das experiências ontológicas dos alunos.

No contexto brasileiro poucos e recentes trabalhos têm abordado a Fenomenologia na Educação em Ciências. Em geral, quando a abordam, vinculam-se aos aspectos metodológicos (Lobo; Aguiar, 2021; Buffon; Neves; Pereira, 2022; Mar; Aguiar, 2023). São escassos, portanto, artigos que articulam implicações da Fenomenologia à Educação em Ciências (Silva; Souza, 2016; Campos; Cruz; Santos, 2021). O Corpo na perspectiva merleau-pontyana, entretanto, tem sido negligenciado nas pesquisas em Educação em Ciências brasileiras.

O Corpo é apresentado por Merleau-Ponty (2018) como o veículo do ser no mundo, que o vive e o experimenta, por isso também defendemos sua valorização no âmbito teórico e prático da Educação e da Educação em Ciências. Concordamos com Brinkmann (2019, p. 131, tradução nossa), quando ele expõe que “na perspectiva da ciência educacional fenomenológica, o corpo e sua presença, materialidade e performance desempenham um papel importante”. Afinal, se é o Corpo que experiencia, ele é o responsável por nossas percepções.

Outro desafio encontrado no âmbito educacional parte da perspectiva de que “a educação escolar é mestre em disciplinar corpos” (Moreira; Guimarães; Campos; 2020, p. 659), valorizando, acima das experiências, o saber e a verdade. Isto porque “crianças e adolescentes têm seus corpos fixados nas carteiras em salas de aula”, limitando os alunos a vivenciarem experiências corpóreas” (Moreira; Guimarães; Campos; 2020, p. 659). Deste modo, ao passarem a maior parte do tempo sentados em sala de aula, o Corpo é visto apenas como um corpo objeto, um corpo ausente, aquele que não se movimenta, que não sente e não percebe o mundo. Os autores ainda acrescentam que,

Também necessitamos, na sala de aula, efetivar um ponto fundamental para a compreensão fenomenológica de corporeidade: o ato de se movimentar. Sala de aula onde alunos não podem se movimentar dificilmente propiciará uma educação para o exercício da cidadania (p. 662).

Quando intencionalmente movimentamos o nosso Corpo para percebermos o mundo, passamos de um corpo objeto para um Corpo sujeito, e na relação dos dois nos tornamos um Corpo vivido, aquele que percebe e experiencia o mundo ao seu redor. Além disso, por meio da corporeidade é possível compreender a si e ao outro.

[...] a compreensão pedagógica pode ser definida como atenção dividida a um objeto (interatenção intercorporal), em que a atenção como um fenômeno social corporificado pode ser a chave para poder definir a compreensão como compreensão pedagógica (Brinkmann, 2019, p. 131, tradução nossa).

A corporeidade que se dá na relação do indivíduo com o ambiente, com o outro e consigo mesmo, possibilita a compreensão dos fenômenos por meio das experiências dos alunos. Moreira, Guimarães e Campos (2020, p. 661) expõem que “uma educação de corpo inteiro recoloca o corpo do aluno dentro do processo educativo, associando corpo e mundo em uma dimensão unitária”. Os autores aproximam-se das ideias de Merleau-Ponty (2018) quando expõem que só é possível compreender um Corpo vivo se levantarmos em direção ao mundo. Aqui a necessidade de uma corporeidade no âmbito escolar é perceptível para nós. Além disso, Moreira, Guimarães e Campos (2020, p. 663) defendem que “a presença da corporeidade em sala de aula propiciará o reconhecimento dos discursos educacionais no sentido existencial, e este deve ser descritivo, pertinente, relevante, referente, provocante, suficiente, compreensivo e interpretativo”, tornando o processo educativo social, cultural e histórico.

As experiências corporais vivenciadas em sala de aula por meio da corporeidade possibilitam que os alunos relacionem os fenômenos percebidos à sua própria existência. Eles, no entanto, precisamos entender que

Corporeidade é viver numa permanente relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Isto demanda postura ética, mais uma razão da necessidade da presença do corpo inteiro do aluno em sala de aula, no entendimento de si mesmo e na sua relação com professores e colegas (Moreira; Guimarães; Campos, 2020, p. 665).

Corporeidade é muito além de apenas se movimentar no mundo; é um processo de Corpo inteiro a partir de uma relação triádica: mundo-escola-vida, que busca a valorização dos alunos, sua subjetividade e suas experiências. Assim, quando refletimos sobre uma abordagem fenomenológica na Educação a partir da experiência corporal, é possível perceber a “relação intrínseca entre mundo-escola-vida, considerando, especialmente, a condição corporal do sujeito como oportunidade do ser humano se inserir e compreender o mundo vivo” (Santos; Reis; Moreira, 2020, p. 15).

O *mundo-escola-vida* se dá em uma educação escolar que favorece os sentidos, a subjetividade, a experiência e a relação entre o mundo-escola-vida, possibilitando aos sujeitos a possibilidade de se libertar dos padrões preestabelecidos, levando em consideração sua capacidade de criar e recriar no espaço educativo. Se dá na oportunidade de inserção e compreensão do mundo pelos indivíduos a partir do corpo (Santos; Reis; Moreira, 2020). Assim, compreendemos que o *mundo-escola-vida* almeja a valorização das experiências, das percepções e das compreensões dos alunos além do seu pertencimento no processo educativo, considerando sua individualidade

e assumindo que somos seres livres e abertos a novas experiências na relação com o outro, com a escola e com o mundo.

Para que os alunos possam ter uma educação alicerçada no mundo-escola-vida, é preciso fomentar uma *atitude fenomenológica*. Santos, Reis e Moreira (2020) apresentam que a atitude fenomenológica descreve a ação educativa e a relaciona com o ambiente escolar, e que a atitude surge das possibilidades e desafios advindos do processo de educar, como a *corporeidade aprendente* do aluno que está inserido na escola como “*primeira atitude*”. A *corporeidade aprendente* é descrita por Santos, Reis e Moreira (2020) como oportunidade de humanização no espaço educativo em busca da autonomia do ser humano, vinculando-os em seu contexto social, cultural e histórico. Deste modo, a atitude fenomenológica busca despertar uma sensibilidade, a fim de superar o paradigma de que a compreensão se faz apenas na cognição, uma vez que é no Corpo que percebemos a existência no/do mundo. Como indagam Moreira, Guimarães e Campos (2020),

Corpo é movimento, é intencionalidade operante, elementos esses indispensáveis para o sucesso do processo educacional. Isto tem sido considerado na ação dos professores quando do trato com os alunos em sala de aula? O movimento, a motricidade e a corporeidade, no sentido das bases defendidas em nossa argumentação estão presentes na sala de aula no Ensino Fundamental e Médio? Se a resposta for não, há que se alterar a forma da manifestação das intervenções pedagógicas para a aprendizagem dos alunos (Moreira; Guimarães; Campos, 2020, p. 666).

Santos, Reis e Moreira (2020) apresentaram, em suas discussões sobre o Corpo, que este foi negligenciado no âmbito escolar a favor da racionalização e dos conhecimentos cognitivos que desconsideravam o ser humano em sua totalidade. Percebemos que a Educação ainda carece de perspectivas educacionais que possibilitem a valorização corporal nas salas de aula a partir da relação mundo-escola-vida. Diante disso, buscaremos, a seguir, elaborar como o Corpo se apresenta na Educação em Ciências.

Ao expor que “sem o corpo na educação em ciências (com todas as suas nuances situadas e complexas) não há possibilidades de experiência, não há possibilidade de educação e não há perspectiva de vida” (Alsop, 2011, p. 613, tradução nossa), o autor enfatiza a importância do Corpo na Educação em Ciências. Ao que nos parece, Alsop (2011) traduz o significado de corporeidade na Educação em Ciências em concordância com Machado (2010), uma vez que, para a autora, corporeidade abarca três existenciais.

Vivenciamos e experimentamos o mundo com o Corpo pelos nossos sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. Na Educação em Ciências esses sentidos são evidenciados por Otrell-Cass (2018, p. 182), quando a autora apresenta que os sentidos “descrevem nossos modos de experimentar o mundo. Apesar da familiaridade que todos temos com nossos sentidos, sua relevância para o aprendizado ainda é pouco pesquisada”. Se percebemos o mundo com o nosso corpo, porque nossos sentidos são tão pouco mobilizados nas salas de aula? A autora mostra-nos, também, experiências sensoriais na Educação em Ciências que possibilitam percebermos os fenômenos a partir dos nossos sentidos.

Para exemplificar como a experiência corpórea pode ser valorizada na Educação em Ciências, mostraremos algumas atividades que oportunizam experiências fenomenológicas aos alunos e são perceptíveis pelos nossos sentidos. Otrel-Cass (2018) apresenta um exemplo realizado em uma atividade de investigação, na qual um professor solicitou aos seus alunos de 14 anos que averiguassem suas próprias questões sobre o espaço e o universo por 6 meses. Durante o processo investigativo, a autora coloca que

Quando Laura e Line mostraram a ele um aplicativo em seu telefone que lhes permitia ver a posição do sol e da lua no espaço, Poul deu às duas meninas o vidro do soldador para observar o sol diretamente fora da sala de aula. As meninas ficaram maravilhadas com sua observação. Ver com os próprios olhos através do vidro do soldador atribuiu um sentido de realidade à existência do sol, mesmo que o sol esteja lá o tempo todo e mesmo que elas tenham “visto” o sol através do aplicativo em seu telefone. A experiência possibilitada pelo vidro atribuiu admiração à experiência de ver o sol (Otrel-Cass, 2018, p. 188, tradução nossa).

Quando as alunas apresentaram um aplicativo capaz de observar a posição do Sol e da Lua no espaço, demonstraram que buscaram novas ferramentas que demandam de saberes preestabelecidos, como o conhecimento tecnológico, mas que não evidenciavam suas percepções corpóreas. Ao fornecer às alunas o vidro do soldador, o professor não somente oportunizou uma nova possibilidade para elas observarem e perceberem o sol, experiências estas vivenciadas a partir do sentido da visão, o que lhe atribuíram novas percepções, mas também novas emoções.

Outro exemplo apresentado pela autora refere-se a uma atividade realizada em uma unidade climática, que tinha como pretensão despertar a percepção de temperatura de crianças de nove anos por meio do sentido do tato. Foram colocadas duas tigelas, nas quais uma continha água fria e a outra morna. Durante as observações

A professora integrou as descrições usadas quando as crianças exploravam a temperatura da água com as mãos. Mais tarde, ela comparou isso ao uso de um termômetro, também para vincular o que parece quente ou frio e o que o termômetro mostra. O significado que se atribuía à temperatura da água centrava-se no que se podia sentir. A água não era apenas água, mas água quente, fria ou muito fria, assim foi atribuída através da medição da temperatura das mãos das crianças. Nem todas as crianças concordaram em chamar a atenção para a experiência subjetiva e única do indivíduo (Otrel-Cass, 2018, p. 188, tradução nossa).

Esse experimento tinha como intenção evidenciar a temperatura da água por meio da experiência perceptiva: o tato. Apesar de ter apenas duas tigelas, uma com água fria e a outra com água morna, as percepções das crianças eram diferentes, pois suas compreensões eram alicerçadas em experiências anteriores. O experimento, no entanto, não buscava a concordância dos alunos em si, mas das suas experiências corpóreas.

Na Educação em Ciências é o Corpo que possibilita experiências, uma vez que os fenômenos são perceptíveis por meio da sensibilidade corporal, o que nos oportuniza uma abertura à percepção do novo. O Corpo também permite-nos desenvolver uma sensibilidade e uma abertura para o novo; implica possibilitar novas experiências que propiciam aos alunos novas percepções. Para Alsop (2011), na educação em ciências

as distinções entre “atitudes científicas” e “atitudes em relação à ciência” aparentam separar a racionalidade da investigação científica.

Reconhecer o corpo na ciência e na educação em ciências oferece oportunidades para repensar essas divisões e realocar epistemologias e pedagogias. Oferece possibilidades de reconsiderar a humanidade dentro da ciência e da educação. No fundo, ajuda-nos a representar a nossa “vivacidade”, a captar o sentido da nossa interconexão e, ao fazê-lo, recuperar o sentido do nosso eu vivo no conhecimento e na educação (Alsop, 2011, p. 620, tradução nossa).

O Corpo proporciona experiências que mantêm os indivíduos enraizados em suas experiências anteriores e proporcionam seu pertencimento no mundo. Uma educação fenomenológica que estimule os alunos a mobilizarem suas percepções corporais os possibilita a fundamentar suas experiências no mundo-escola-vida. Além disso, por meio da corporeidade, os alunos têm uma maior percepção das experiências na educação e na educação em ciências que permitem uma aproximação do conhecimento científico. Como aponta Szybek (2002),

Se o conhecimento científico é desenvolvido como parte de um empreendimento independente de quaisquer situações cotidianas, e aplicado de forma pronta, em contextos muito diferentes daquele em que esse conhecimento surgiu, uma série de questões ficam em aberto. Essas questões dizem respeito à relação entre o conhecimento científico e a vida cotidiana e ao grau de envolvimento dos verdadeiros aprendizes, os alunos, em sua formulação. A significância do conhecimento científico manifestado neste tipo de currículo torna-se problemática (p. 549, tradução nossa).

Ao abordar o conhecimento científico a partir de teorias abstratas e/ou fatores isolados ou fora da realidade dos alunos, dificulta-se a percepção dos fenômenos. Uma Educação em Ciências, possibilitada a partir da corporeidade, propicia os alunos a vivenciar “seu processo de singularização no mundo-escola-vida, extrapolando os limites impostos pela cientifização, pelo domínio da técnica, saberes e competências” (Santos; Reis; Moreira, 2020, p. 15). Assumir uma Educação (em Ciências) considerando a corporeidade, viabiliza novas possibilidades para a percepção do mundo, uma vez que as experiências estão conectadas ao mundo-escola-vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fenomenologia da percepção e da corporeidade de Merleau-Ponty apresenta-se como uma possibilidade de retornarmos aos fenômenos e (re)despertar nossa sensibilidade corpórea, aproximando os alunos aos fenômenos a partir das sensações corpóreas. Tanto na Educação e na Educação em Ciências o Corpo ainda é pouco mobilizado, uma vez que as teorias educacionais vigentes têm foco cognitivo. Encontramos, no entanto, alguns autores que, em concordância com a fenomenologia de Merleau-Ponty, defendem uma educação de Corpo inteiro por meio de uma corporeidade que conecta os alunos ao mundo-escola-vida. Por isso, o que defendemos aqui é uma Educação (em Ciências) que valorize as experiências corpóreas dos alunos.

Ao considerarmos que existe uma produção em Fenomenologia e Educação e, em específico, na corporeidade defendida por Merleau-Ponty, isso nos instiga a pensarmos

em uma Educação em Ciências brasileira nessa vertente. Diante disso, este texto, de cunho teórico, buscou trazer provocações para pesquisarmos implicações experienciais à Educação em Ciências pela corporeidade, cujos desdobramentos possibilitam uma abertura de investigações com essa abordagem.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALSOP, Steve. The body bites back! *Cultural Studies of Science Education*, v. 6, n. 3, p. 611-623, 2011.
- ANDRADE, Eloísa Benvenuti de. *Corpo, sensível e natureza na última ontologia de Merleau-Ponty*. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/1e4e806a-92cc-40aa-b5bd-ce5cccd38b74>. Acesso em: 19 maio 2024.
- AZEVEDO, Denis de Souza; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Ser no mundo, mundo vivido e corpo próprio segundo Merleau-Ponty. *Dialektiké*, v. 1, n. 2, p. 15-37, 2015.
- BRINKMANN, Malte. Pädagogisches (Fremd-) Verstehen. Zur Theorie und Empirie einer interkorporalen Ausdruckshermeneutik. In: BRINKMANN, M. (ed.) *Verkörperungen: (Post-)Phänomenologische Untersuchungen zwischen erziehungswissenschaftlicher Theorie und leiblichen Praxen in pädagogischen Feldern*. Wiesbaden: Springer VS, 2019. p. 131-158.
- BUFFON, Alessandra Daniela; NEVES, Marcos César Danhoni; PEREIRA, Ricardo Francisco. O ensino da Astronomia nos anos finais do Ensino Fundamental: uma abordagem fenomenológica. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 28, p. e22006, 2022.
- CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. A experiência do sentir e o sujeito da percepção em Merleau-Ponty. In: CAMINHA, I. O.; SILVA, M. E. A. (org.). *Percepção, corpo e subjetividade*. São Paulo: LiberArs, 2013.
- CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- CAMPOS, Raul Isaias; CRUZ, Frederico Firmo de Souza; SANTOS, Paulo José Sena dos. O uso didático da fenomenologia em uma disciplina de instrumentação para o ensino de ciências. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 16, n. 1, p. 137-158, 2021.
- CANTISTA, Maria José. Fenomenologia e percepção em Maurice Merleau-Ponty. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 41, n. 4, p. 385-404, 1985.
- CERBONE, David. R. *Fenomenologia*. Tradução Caesar Souza. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- DUPOND, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- HOFFMAN, Piotr. O corpo. In: DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (org.). *Fenomenologia e existencialismo*. São Paulo: Loyola, 2012.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, v. 28, n. 2, 2003.
- LOBO, Huanderson Barroso; AGUIAR, José Vicente de Souza. Ensino de ciências: o mundo vivido através dos desenhos. *Revista Valore*, v. 6, p. 848-860, 2021.
- MACHADO, Marina Marcondes. *Merleau-Ponty & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MACHADO, Marina Marcondes. Infância é corpo encarnado/uma perspectiva poético-existencial para o ser criança. *Childhood & Philosophy*, v. 12, n. 24, p. 455-468, 2016.
- MAR, Maria Isabel da Costa; AGUIAR, José Vicente de Souza. A fenomenologia de Merleau-Ponty: uma abordagem teórico-metodológica para as pesquisas em Educação em Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 14., 2023, Caldas Novas. *Anais [...]*. Caldas Novas, Goiás, 2023. p. 1-9. V. 1.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *La structure du comportement* Paris: Gallimard, 1972. (A estrutura do comportamento. Originalmente publicado em 1942).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas, 1948*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução José Arthur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, Wagner Wey; GUIMARÃES, Alexandre Magno; CAMPOS, Marcus Vinicius Simões de. Escola: presença obrigatória da corporeidade. *Quaestio-Revista de Estudos em Educação*, v. 22, n. 3, p. 657-668, 2020.

OTREL-CASS, Kathrin. Sensory science education. *Cultural, Social, and Political Perspectives in Science Education: A Nordic View*, p. 179-195, jan. 2018. DOI: 10.1007/978-3-319-61191-4

QUINTILIANO, Aimberê. Ontologia fenomenológica e educação na infância: uma leitura de Merleau-Ponty. *Childhood & Philosophy*, v. 10, n. 20, p. 357-381, 2014.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; MURILLO, Márcia Vilma. Ação de desenhar na infância como iniciação aos segredos do mundo. *Childhood & Philosophy*, v. 16, 2020.

SANTOS, Valdirene Aparecida Araujo dos; SOUSA, Robson Simplicio de. A educação em uma abordagem fenomenológica: repercussões das experiências ontológicas na educação em ciências. *Educação em Revista*, v. 23, n. 1, p. 267-286, 2022.

SANTOS, José Carlos dos; REIS, Laudeth Alves dos; MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade aprendente na escola: por uma abordagem fenomenológica em educação. *Revista Cocar*, v. 14, n. 30, p. 1-21, 2020.

SCHALOW, Frank; DENKER, Alfred. *Historical dictionary of Heidegger's philosophy*. 2. ed. [S. l.]: The Scarecrow Press, 2010.

SILVA, Denis Oliveira; SOUZA, José Camilo Ramos. Ensino das ciências no mundo vivido: a partir da epistemologia de Merleau-Ponty. *Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação*, v. 1, n. 13, p. 175-187, 2016.

SOUZA, Klédson Tiago Alves de; SOUZA, José Francisco das Chagas. Corpo-próprio: de corpo-objeto a corpo-sujeito em Merleau-Ponty. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 8, n. 2, p. 48-56, 2017a.

SOUZA, Klédson Tiago Alves de; SOUZA, José Francisco das Chagas. Corpo-próprio: caminho filosófico de Merleau-Ponty. *Trilhas Filosóficas*, v. 9, n. 1, p. 121-131, 2017b.

SZYBEK, Piotr. Science education – an event staged on two stages simultaneously. *Science & Education*, v. 11, n. 6, p. 525-555, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu Editora, 2007.

#### **Autor correspondente**

Valdirene Aparecida Araujo dos Santos

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Setor Palotina, R. Pioneiro, 2153, Jd. Dallas, CEP 85950-000, Palotina/PR, Brasil

valdy.araujo.santos@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons

